

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
JOSÉ EDUARDO DOS REIS NETO**

**ENSAIO ONTOLÓGICO DO SER: COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE OS
IMPACTOS DO CONTEMPORÂNEO NO SER-AÍ**

Belo Horizonte

2022

JOSÉ EDUARDO DOS REIS NETO

**ENSAIO ONTOLÓGICO DO SER: COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE OS
IMPACTOS DO CONTEMPORÂNEO NO SER-AÍ**

Monografia de especialização apresentada à faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial (CEPC/UFMG).

Orientadora: Saleth Salles Horta

Belo Horizonte

2022

150 Reis Neto, José Eduardo dos.
R375e Ensaio ontológico do ser [recurso eletrônico] : como a
2022 gestalt-terapia compreende os impactos do contemporâneo
no ser-ai / José Eduardo dos Reis Neto. - 2022.
1 recurso online (32 f.) : pdf
Orientadora: Saleth Salles Horta.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1..Gestalt-terapia. 2. Existencialismo. 3.Smartphones.
I. Horta, Saleth Salles . II.Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENSAIO ONTOLÓGICO DO SER: COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE OS IMPACTOS DO CONTEMPORÂNEO NO SER-AÍ

JOSÉ EDUARDO DOS REIS NETO

monografia defendida e aprovada, no dia **nove de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Salles Horta – orientadora

FAFICH/UFMG

Rossana Zampa Varandas

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 30 de março de 2023.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Sub Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 04/04/2023, às 10:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 04/04/2023, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2203052** CRC **6ED08880**.

ENSAIO ONTOLÓGICO DO SER: COMO A GESTALT-TERAPIA COMPREENDE OS IMPACTOS DO CONTEMPORÂNEO NO SER-AÍ.¹

José Eduardo dos Reis Neto²

RESUMO:

Este estudo visa analisar pontos de confluência entre a Gestalt-terapia e o contemporâneo, propiciando um debate a respeito de como a referida vertente psicológica-filosófica compreende os impactos causados pelo uso da internet e de seus objetos (smartphone, computador, aplicativos) na construção da existência como pessoa na atualidade. Para estabelecer as correlações entre a modernidade e a Gestalt-terapia, foram selecionados conceitos da sociologia, da abordagem gestáltica e existencialismo, que assentam um vínculo diretivo e explicativo a respeito do uso e abuso dos objetos citados. Frente a esta correlação, surgiram indagações a respeito de como a sociedade vem se constituindo diante da aceleração do tempo e da evolução tecnológica. Visto isso, formula-se a hipótese de que o mundo virtual ocupa, hoje, espaços que deveriam pertencer ao mundo real, mas, foram sendo substituídos pelo digital. Além disso, parte-se dos pressupostos gestálticos de que o ser é constituído de relações: contatos que realiza com pessoas e objetos, e isso interfere diretamente no *dasein*. Esta escrita tem como objetivo constatar estes pontos que se encruzilham, se esbarram, e em alguns casos, são ultrapassados. Para atingir tal objetivo, foi utilizada a perspectiva gestáltica sobre a ontologia do ser, junto da ideia de ciberespaço, culminada por Levy (1999). Este artigo é sobre os desdobramentos ontológicos do indivíduo neste encontro entre o virtual e o real. A conclusão à qual se chega é que, apesar deste tema possuir extrema importância para avaliar diversas manifestações do digital no cotidiano das pessoas, faz-se necessário uma análise minuciosa de outras áreas que abarcam a existência do sujeito, por exemplo, o nível macrossocial.

Palavras-chave: Contemporâneo. Existência. Gestalt. Smartphone.

¹Monografia de especialização apresentada à faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial (CEPC/UFMG).

² Psicólogo e discente do curso de especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise existencial da Universidade Federal de Minas Geraes. E-mail: jose.drn@outlook.com.br.

ONTOLOGICAL ESSAY OF THE BEING: HOW GESTALT THERAPY UNDERSTAND THE IMPACTS OF THE CONTEMPORARY ON THE BEING-THERE.

ABSTRACT:

This study aims to analyze points of confluence between Gestalt therapy and the contemporary, providing a debate about how the aforementioned psychological-philosophical aspect understands the impacts caused by the use of the internet and its objects (smartphone, computer, applications) in the construction existence as a person today. To establish correlations between modernity and Gestalt therapy, concepts from sociology, Gestalt approach and existentialism were selected, which establish a directive and explanatory link regarding the use and abuse of the cited objects. Faced with this correlation, questions have arisen about how society has been constituted in the face of the acceleration of time and technological evolution. Given this, the hypothesis is formulated that the virtual world occupies, today, spaces that should belong to the real world, but have been replaced by the digital one. In addition, it starts from the Gestalt assumptions that the being is made up of relationships: contacts with people and objects, and this interferes directly in the dasein. This writing aims to verify these points that cross each other, bump into each other, and in some cases, are surpassed. To achieve this objective, the gestalt perspective on the ontology of being was used, along with the idea of cyberspace, culminated by Levy (1999). This article is about the ontological unfolding of the individual in this encounter between the virtual and the real. The conclusion reached is, although this topic is extremely important to evaluate various manifestations of digital in people's daily lives, a thorough analysis of other areas that encompass the subject's existence is necessary, for example, the macro-social level.

Keywords: Contemporary. Existence. Gestalt. Smartphone.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O CONTEMPORÂNEO	8
2.1 Instrumentos que regem a sinfonia moderna	11
2.2 A cultura proveniente do mundo digital	13
2.3 O ventríloquo moderno	14
2.4 A nova sociedade	15
3. A GESTALT-TERAPIA E A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO	16
3.1 Algumas das partes que compõem o todo	17
3.2 Ensaio Gestalt-terapêutico a respeito da ontologia Humana	19
4. O ENCONTRO DA EXISTÊNCIA COM O CONTEMPORÂNEO	23
4.1 O espaço virtual e a influência no real	23
4.2 O <i>modus operandi</i> da rede cibernética	26
4.3 A encruzilhada moderna	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32

1. Introdução

O cerne que estrutura a intencionalidade do presente trabalho repousa sobre o objetivo de mensurar e discorrer a respeito de como o desenvolvimento acelerado das tecnologias e demais aspectos digitais têm impactado e regulado a existência da humanidade, hodiernamente. Nesse sentido, a importância da discussão não se limita ao plano especulativo, mas evoca a necessidade de saber se, de fato, tal impacto existe e de que modo se faz significativo. Sendo assim, procura-se traçar um caminho pormenorizado acerca do tema, a partir do estabelecimento dos conceitos e instrumentos primordiais ao que se pretende colocar em voga e, ainda, do que se desenvolve a partir de laços complexos. Além disso, repensar o uso, os elementos e implicações do que se denomina por *ciberespaço* e como, por conseguinte, pode-se pensar o desenrolar dos afetos, das relações interpessoais e, sobretudo, intrapessoais.

Por intermédio de uma observação que abarca fenômenos históricos, sociais e culturais, apoia-se nos pressupostos da Gestalt-terapia para compreensão da existência e de como as formas tomadas pelo movimento do ciberespaço têm gerado danos e implicações de natureza ontológica para o ser humano. À vista disso, para além do envoltório teórico da Gestalt-terapia, o texto incorpora também algumas de suas bases principais - o existencialismo e a fenomenologia -, a partir das quais é possível analisar eventos e fatos cotidianos que se relacionam, de alguma forma, ao uso e abuso da tecnologia digital, e formular hipóteses sob tal perspectiva. Nesse transcurso, ainda, procurou-se tecer associações à teoria de Levy (1999) e às suas previsões acerca do que a materialidade da tecnologia assumiria, desde de sua origem, e do que ela poderia se tornar, no presente século. Outros autores do campo da sociologia e da filosofia também são utilizados para basear a presente análise, como Bauman (2001), a face por detrás da *modernidade líquida*.

De modo que tais inquietações possam ser descritas e elaboradas de forma coerente e precisa, o presente trabalho é estruturado em três capítulos, nos quais se procura enunciar os pressupostos e os desdobramentos da hipótese elencada. No primeiro capítulo, procura-se esclarecer a concepção do que é o contemporâneo - como ele foi assim nomeado e o que isso significou na história. Em consonância, discorre-se a respeito do surgimento e evolução do principal componente do que Levy (1999) nomeia como ciberespaço - a *internet*: Quais as suas origens? Como se deu seu transcurso até o que, hoje, qualifica o termo *smartphone*, os aparelhos inteligentes? Quais os instrumentos envolvidos nesse processo? E como estes se tornam essenciais, inerentes ao ambiente? Frente a tais questionamentos, o primeiro capítulo também se pauta no que a Gestalt-terapia entende por ambiente, um dos principais agentes que atuam

sobre a constituição da existência e no modo como o sujeito se desenvolve, bem como nas concepções da cultura moderna, de como ela se amplia e consolida. Por fim, procura-se definir o que constitui a nova forma social e globalizada de convivência, na qual o âmbito digital tem papel centralizador.

Em segundo plano, reúne-se conceitos da Gestalt-terapia elementares à análise do tema. O que constitui a existência sob a ótica dessa perspectiva teórica; como ela concebe a existência da pessoa e como esta, por sua vez, compreende o seu existir no mundo. Nesse sentido, é possível vislumbrar que as partes que compõem o ser humano e regulam as formas de existência vão, como uma de suas condições, delimitar as fronteiras de contato – das quais a cultura é um componente. Não obstante, o capítulo 2 constitui, em si mesmo, um ensaio sobre a Gestalt-terapia e a ontologia do ser, apresentando pontos-chave dos conceitos existenciais que fazem parte, de alguma forma, da teoria gestaltista.

O Capítulo 3, por fim, materializa o encaixe entre as elaborações apresentadas na primeira e na segunda seção – respondendo à pergunta: como a cultura digital e o ciberespaço estão influenciando a existência? Neste momento, procura-se aprofundar o conhecimento acerca dos impactos e do que surge do encontro entre ambas as dimensões, o que caracteriza essa encruzilhada. O terceiro capítulo, assim, procura deliberar acerca do modo de operação desse espaço, pautando-se, sobretudo, no conceito de algoritmo.

Este texto, embora alicerçado nos pressupostos de determinados autores, procura construir, por si, uma perspectiva dialética, lógica e dialógica. Parte-se da hipótese de que o existir tem sido influenciado por algo e que as relações entre uso e abuso já não são mais claramente delimitadas em sentidos opostos; considera-se ultrapassada a concepção de que somente o abuso é capaz de gerar alguma espécie de impacto, de modo que seja necessário compreender o uso também como uma posição de atividade frente ao cotidiano existencial.

2. O contemporâneo

Zeitegeist é uma palavra do dicionário alemão que representa a ideia de espírito da época (Tochtrop, 1984, p 663). ou seja, um grupo de pensadores, ao observarem o espírito da época emergente no comportamento social; nas ideias em *voga*; e no modo de se produzir ciência, em um dado contexto histórico, definem o paradigma que é instaurado neste momento. Na Idade Média (476 d.C. a 1453), o *zeitegeist* era regido pela Igreja Católica, que determinava o paradigma baseado na fé e nos dogmas cristãos. Descartes (2018), a partir da obra *Meditações Metafísicas*, rompe com a fé e percebe o clamor social pela razão. No século XVIII, ocorre,

então, a revolução científica, ou chamado iluminismo. Nesse período, o espírito da época era o racionalismo, no entanto, o paradigma instituído não correspondia apenas à concepção racional, mas a todo o movimento organizado em torno da atmosfera revolucionária que permitiria ao racionalismo seu desenvolver. O Iluminismo se produziu a partir de crises epistemológicas que influenciaram, definitivamente, o que hoje recebe o nome de pós modernidade. Khun (1996, p.6) concebe paradigma como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” e foi exatamente isso o que Descartes (2018) fomentou na época da luz.

Anos seguintes, o espírito reacionário proveniente da revolução cartesiana consolidou-se com maior força e se transformou em diversos aspectos, sendo o século XX marcado pelo surgimento da pós-modernidade. A ânsia para o desenvolvimento da ciência racional pós moderna, cuja ascendência é marcada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, consolida-se como o paradigma da década de 60, frente a democratização deste movimento. Como aspecto histórico inédito, em outubro de 1969, o primeiro protótipo da *internet* é criado (Rocha e Filho, 2016, p.2), fornecendo a base para que, o que hoje recebe o nome de globalização, possa gradualmente se consolidar como o *zeitegeist* do século XXI e que, até então, rege o paradigma vigente. Comunicar-se e fazer conexões com pessoas e regiões em velocidade instantânea somente foi possível por conta da *internet*, e este desenvolver é o que guia o espírito atual. Bauman (2001) explicita, cirurgicamente, o quanto a chamada globalização moldou e molda, ainda, o modo de constituição das relações através das formas de comunicação e desenvolver social. Globalizar significa encurtar espaços físicos, facilitar relações entre povos e culturas, ampliar o contato entre pessoas de forma drástica, fazendo com que, por exemplo, Japão e Brasil - a uma distância de 17.360 km - possam se conectar virtualmente em milésimos de segundos.

Logo no início do século XXI, Bauman (2001) conseguiu perceber que a distância física encurtaria progressivamente, construindo uma nova forma de olhar para o mundo, de perceber a existência e de operar mecanismos relacionais:

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico — e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço. (p.15)

Analisando o panorama atual, percebe-se que, sim, Bauman (2001) estava correto. O planeta Terra, por imenso que seja, em seus 510.100.000 km² de área de superfície, pôde ser reduzido a frações, e foi através deste “poder de se mover com a velocidade do sinal eletrônico” (Bauman, 2001) que se consolidou a possibilidade de conexão com lugares que jamais passariam pela imaginação do Homem, em tão pouco tempo. Hoje, há a percepção de que os dias estão rápidos demais, as semanas muito curtas, e os anos, cada vez menores. A ideia de que houve uma alteração temporal frente à facilitação de conexões entre grandes distancias se confirma em Pierre Levy (1999) e em Hermut Rosa (2003). Levy (1999) consegue sintetizar o quanto é importante considerar a noção da temporalidade no paradigma moderno, afirmando que “As desordens da economia, bem como o ritmo precipitado das evoluções científica e técnica determinam uma aceleração geral da temporalidade social.” (p.173).

Viver no mundo enquanto pessoa implica ocupar um espaço em um determinado período de tempo e, por isso, a análise destas dimensões torna-se imprescindível para entendimento da extensão da globalização na vida da sociedade. Em 2003, foi publicado o livro *Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized Highspeed Society*, de Hermut Rosa. A contribuição do sociólogo ramificou-se para além do campo científico, colocando as pessoas em alerta, a partir da denúncia de diversos amparos e desamparos que são fruto desta aceleração do tempo, abrindo as portas da percepção para as consequências deste novo jeito de sentir a temporalidade. Em consonância, como destacado por Levy (1999), até mesmo a economia sofreu abalos gigantescos, alterando, inclusive, formas de experienciar o comércio alimentício, de serviços e demais relações comerciais.

É importante saber que a aceleração do tempo aconteceu de formas diferentes, Hermut (2003) a analisou através de três categorias, sendo elas: (I) a aceleração tecnológica; (II) a aceleração da mudança social; e (III) a aceleração dos ritmos de vida. A primeira delas corresponde ao que acima foi explicitado: tecnologias que, ao serem desenvolvidas, como a *internet*, facilitaram a conexão entre países, governos, empresas e pessoas. A expansão da tecnologia elevou a patamares imensuráveis a relação entre pessoas, serviços e produtos, e claro, impactou na forma de percepção do tempo. A segunda diz respeito a mudanças sociais frente ao novo universo globalizado. O autor analisa como tal avanço tecnológico e temporal influenciou as formas de existir diante deste novo mundo³. O terceiro e último ponto engloba as consequências dos dois outros tópicos analisados por Hermut (2003), entendendo que ritmos de vida acelerados têm origem no desenvolvimento tecnológico e nas novas formas de

³ ressalva-se aqui a importância de ampliar este tópico mais adentro neste capítulo, visto que essas mudanças impactam diariamente a sociedade vigente, elencando infinitas novas formas de emprego, por exemplo.

existência do Ser, o que é somado a uma sensação de dias encurtados, traduzidos por *pouco tempo para experimentar tanta coisa*.

Delimita-se este amontoado de coisas que chegam até as pessoas através do mundo virtual patronado pela *internet*. A todo tempo alguém está sabendo de alguma coisa que aconteceu há alguns segundos atrás, e isso não apenas em seu campo experienciado fisicamente, mas no mundo todo que cabe na palma de sua mão, ou na tela de seu computador. Dentro de tudo isso, há ainda o trabalho; a família; as questões da subjetividade e existência; as paixões e os anseios, os quais, de tempos em tempos – curtos –, são atropelados pelo ritmo acelerado da modernidade líquida.

2.1. Instrumentos que regem a sinfonia moderna

O surgimento da internet implicou na criação de aparelhos que pudessem utilizar esta conexão para seus devidos fins, tal como a energia elétrica que sai de uma usina e chega às construções residenciais, passando por postes, transformadores, e demais aparatos de conexão elétrica. Todo este conjunto se torna responsável pela possibilidade da existência de luz e corrente elétrica nos bairros, cidades e países. Não adiantaria haver como produzir energia se esta não chegasse a serviço populacional através de instrumentos possíveis para sua manipulação e conversão em interesses dos usuários.

Durante os anos iniciais, a conexão de rede virtual era exclusiva e de difícil acesso, correspondendo a uma tecnologia cara e muito engenhosa, que pertencia a um limitado grupo social, o qual ainda não detinha clareza sobre o alcance que tal invenção poderia obter.

Nos anos seguintes de 1969, ocorre uma expansão dos dados sintetizados e isso fornece um maior vislumbre do quão grande poderia se tornar a *internet*. No final da década de 80 e início da 90, o *boom* da *internet* acontece. (Rocha e Filho, 2016, p.4) A popularização da rede se deu principalmente por conta da expansão de serviços de correio eletrônico, páginas de pesquisa, a possibilidade de conexão com lugares remotos, e claro, a entrada de computadores no mercado comercial. De modo a acompanhar o transcurso da modernidade em ascendência, tais aparelhos passam a ser adquiridos progressivamente pela população e, com o passar do tempo, tornam-se menores, mais acessíveis e de fácil locomoção pelos espaços físicos.

Observa-se que há uma tendência referente a esta tecnologia. As primeiras conexões de *internet* eram lentas, demoravam para responder e executar comandos. Assim como os primeiros computadores eram enormes, pesados, com formatos que dificultavam seu deslocamento pelo espaço, além de custarem um grande amontoado de dinheiro.

Posteriormente, ficou claro o interesse das empresas do meio eletrônico em facilitar a experiência de seus usuários, o que se materializou através da evolução de tudo que abarca este

meio. Primeiro, os computadores foram otimizados, fazendo com que fosse possível um usuário possuir em sua casa um aparelho com acesso à *internet* que não pesasse muitos e muitos quilos. Em seguida, aumentaram a velocidade de conexão da *internet*, facilitando os afazeres nos referidos aparelhos. Nos anos seguintes, novos tipos de computadores foram lançados ao mercado, a exemplo dos notebooks: computadores leves, pequenos e portáteis. Estes possibilitaram que o usuário pudesse ter acesso ao seu computador por onde o carregasse. Os notebooks também revolucionaram o mundo virtual e o espaço físico. Mas, a evolução deste mercado não parou por aí. (Oliveira, 2017, p. 16)

Por intermédio da aspiração de atrair mais usuários para este novo mundo, criaram-se os aparelhos celulares. Pequenos dispositivos que utilizavam, *a priori*, conexões telefônicas para atender às demandas de seus usuários. Concomitantemente com os computadores, os celulares tomaram conta do mercado. Pessoas se conectavam na *internet* pelos computadores, e realizavam ligações telefônicas através dos dispositivos celulares, o que, no entanto, não foi suficiente para que a indústria parasse de oferecer novos aspectos da modernidade para a população. O que hoje coordena o mundo da internet não se restringe aos computadores e notebooks, mas corresponde, principalmente, aos chamados *Smartphones* – celulares inteligentes, em tradução livre.

Assim como o computador evoluiu a partir de algo extremamente pesado para algo portátil, os celulares que, antes, nem conexão com a *internet* possuíam, passam a ser inteiramente governados pela rede eletrônica, caso o usuário deseje. A denominação *Smartphone* surge justamente para representar esta capacidade: uma tela pequena com conexão à internet, que cabe na palma da mão e que consegue transportar o indivíduo para qualquer lugar do mundo, bastando estar conectado a uma *rede*. Sob esse panorama, dados do IBGE mostram que, em 2019, no Brasil, 82,7% de toda população brasileira tinha acesso à *internet*, ou seja, 8 em cada 10 domicílios possuíam acesso à realidade virtual. Entretanto, para acessar esta *rede*, somente 46,2% utilizavam computadores ou notebooks, sendo que 99,5% utilizavam *Smartphones* para o estabelecimento da conexão. (IBGE, 2019).

Tais dados representam uma realidade mundial, visto que, de acordo com Yiwen Wu, analista sênior da Strategy Analytics, 50% da população mundial, em 2021, possuía um *smartphone*, com previsões exponenciais de superação desta porcentagem. (Tecmundo, 2021) É seguro dizer que o aparelho celular inteligente, atualmente, é o maestro que rege a sinfonia moderna.

2.2. A cultura proveniente do mundo digital

Conceituar cultura foi e é um exercício de sociólogos, antropólogos e demais cientistas que, ao analisarem a etimologia desta palavra, modificaram-na de modo a adequá-la à ideia que procuravam sintetizar. Edward Tylor (1958), no vocábulo inglês *Culture*, define cultura como “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. A origem da palavra passa por questões biológicas, como se cultura dependesse exclusivamente da biologia que é passada de geração em geração através dos membros de uma sociedade, mas foi Tylor (1958) quem estruturou a ideia de que cultura abarca muito mais que a biologia da espécie humana.

A concepção de cultura, hoje, compreende-a como conhecimento transmitido, moral vivida, costumes, jeitos de levar a vida, formas de manipular o próprio campo, o compartilhamento de ideias e modos de existir por um determinado povo, frente a um contexto particular.

Com base em tais considerações e diante da modernidade virtual, Levy (1999) culmina o termo *cibercultura*⁴. Cibercultura é, portanto, “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (Levy, 1999, p.16). Sendo ciberespaço, por Levy (1999), tudo o que acontece através da conexão de rede, a *internet*.

A cultura está intrinsicamente ligada ao *zeitgeist*, e o espírito do século XXI é a globalização através da cibercultura. Quase a totalidade da informação que circula no mundo atravessa o ciberespaço, assim como as comunicações são feitas nele também. São pessoas conectadas a tudo, ao mesmo tempo e em todo lugar, e é assim que novos modos de vida passaram a existir.

O desenvolvimento da cultura virtual é coordenado hoje, sobretudo pela ascendência do mercado de *smartphones*. Estes aparelhos conseguiram influenciar definitivamente o espírito atual, moldando-o a seu bem entender, de acordo com suas funções disponíveis, assim como com a capacidade de influenciar a existência de seus usuários. É simples pensar que se 50% da população mundial utiliza um instrumento 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 dias por ano, naturalmente, tal aparelho se torna inerente a existência do Homem globalizado, regulando as relações que são estabelecidas em seu ciberespaço, e para além dele.

⁴ Compreendendo-se o prefixo *ciber* como derivado de cibernético, algo computadorizado e virtual.

2.3. O ventríloquo moderno

A cultura digital amplifica sua presença, principalmente, na palma da mão dos usuários de celulares inteligentes. Andar nas ruas hoje é encontrar pessoas iluminadas por telas, lendo mensagens, consultando notícias, compartilhando e buscando informações. Diante desta nova forma de cultura, a indústria moderna começa a lançar aplicativos, os quais realizam funções específicas dentro dos aparelhos celulares. Pode-se dizer, seguramente, que para praticamente toda execução de tarefa humana, existe um aplicativo no celular que irá auxiliar seu usuário nesta função ou executá-la para ele. Este fenômeno ocorre desde a procura por um livro dentro de uma rede de busca, até, por exemplo, à busca por parceiros em aplicativos de relacionamento. Por isso, também, é fatorial o uso do celular regulamentar os ritmos de vida e as formas de existir, como um ventríloquo que controla sua marionete.

As buscas por estes *apps* cresceram progressivamente, com a justificativa de facilitar a vida moderna, de poupar trabalho para os integrantes do ciberespaço. É um atrativo que foi comprado por toda a população, cujos desdobramentos implicam sobre a formação de uma nova rede laboral, em função destes aparatos. No começo, apenas os desenvolvedores destes eram cotados para trabalhar no ciberespaço, entretanto, a expansão do mercado faz-se presente em diversas camadas sociais e exige o recrutamento de outras forças laborais. Hermut (2003), ao postular sobre a aceleração da mudança social, foi preciso e meticuloso, pois hoje há uma grande gama de pessoas que trabalham com aplicativos de celulares. Adentrar neste aspecto é fundamental para entender a cultura moderna.

Se neste momento uma pessoa deseja comer algo, existe um aplicativo de comida que fornece um cardápio inteiramente pronto à sua disposição. E, para esta comida chegar até o usuário, existem restaurantes, cozinheiros, entregadores, e demais pessoas que trabalham preparando e entregando pedidos nestes aplicativos. Como exemplo, tem-se o *Ifood*, aplicativo que conecta seus usuários aos restaurantes e entregadores. Por outro lado, se uma pessoa não possui um veículo de transporte particular, e deseja chegar a um outro lugar no espaço físico, existe também um aplicativo que disponibiliza motoristas 24 horas por dia, prontos para serem *chamados* para transportar o usuário; o principal e mais utilizado no mundo é o aplicativo *Uber*.

Sob essa ótica, uma pesquisa realizada pelo *Ifood*, em parceria com a Fundação Instituto de Estudos Econômicos (FIPE), em 2021, evidenciou, em seus resultados, que o aplicativo foi responsável por gerar cerca de 730 mil postos de trabalho e movimentar 31,8 bilhões de reais, neste mesmo ano, no Brasil.

O objetivo deste artigo não é enaltecer estas formas de trabalho e, apesar dos números serem positivos, Abílio (2017) destaca que estes trabalhadores ainda enfrentam precarizações diversas, exigindo assim, uma reforma trabalhista que abarca também o âmbito virtual.

Outro fenômeno importante a ser ressaltado diz respeito ao consumo no ciberespaço. Os usuários estão cada vez mais optando por comprar de maneira online, e isto, novamente, representa uma mudança no modo de vida. Em 2021, o índice MCC-ENET, desenvolvido pela Neotrust/Movimento Compre & Confie, em parceria com o Comitê de Métricas da Câmara Brasileira da Economia Digital, constatou que o *e-commerce*⁵ representou 17,9% das vendas varejistas (CMCBED; NEOTRUST, 2021), e este número cresceu ainda mais em 2022. Tal fato demonstra, novamente, o quanto a modernidade é controlada pelo mundo virtual.

Em consonância, os dados mais impressionantes dizem respeito ao uso de redes sociais. É, sem dúvida, notória a busca do ser humano por afeto, há uma tentativa de se conectar com alguém, de suprir uma necessidade, de estabelecer uma conexão, por mais superficial que seja. Marcadores indicam que o Brasil é o terceiro país que mais possui usuários de redes sociais, alcançando o número de 160,1 milhões de usuários, os quais representam 76,83% da população brasileira (Statista, 2022). Entre as redes sociais mais utilizadas estão o *Instagram*, *Whatsapp*, *Youtube*, *Facebook* e *Tik Tok*. Em todas elas, há o contato exacerbado - e cada vez mais rápido - com diferentes realidades, pessoas e culturas, abrindo espaço para que o usuário se perca no tempo de consumo destes *apps*. Atualmente, as redes sociais mais populares operam através de vídeos curtos, mensagens instantâneas, informações rápidas e sem aprofundamento, justamente para que o usuário consuma muito, sem que haja a preocupação com a genuinidade destas experiências. Hoje, demonstrar afeto e/ou interesse por uma pessoa significa curtir sua publicação no *instagram* ou *facebook*, e somente isto já basta para indicar um aspecto característico sobre a formação de laços dentro das redes sociais.

2.4. A nova sociedade

Procurar sintetizar o que constitui a nova forma social de estabelecer relações é algo inevitável quando se pretende entender o quanto a humanidade está mergulhada na tecnologia e de que forma esta exerce influência nas existências. Bauman (2001), em um movimento revelador, denominou como característica essencial desta modernidade a liquidez, denunciando o quão fluidas são as relações no mundo hodierno, é a não solidificação edificando algo que deveria ser concreto: as experiências de contato. Levy (1999) aprofunda-se no quanto algoritmos, aplicativos e tudo o que compõe o ciberespaço está presente na vida populacional.

⁵ comércio eletrônico

É fato dizer que, para estes autores, não existe mais vida sem a influência do virtual. A passagem pela história exprime que, desde a Segunda Grande Guerra, o Ser se voltou para estas conexões e a expansão tecnológica passa a englobar tudo o que envolve a vida dos sujeitos.

Tem-se um mundo governado por tecnologias e seus usuários, tem-se um tempo percebido e concebido de formas diferentes de eras passadas, tem-se pessoas consumindo tudo de dentro de suas casas, tem-se novos modos de existência frente ao novo mundo. Estudar Gestalt-terapia é justamente analisar o que o social está transmitindo a quem enxerga, é ver o quanto o campo, os ciclos de contato, o corpo e a subjetividade estão sendo influenciados por este viés existencial. É entender que o mundo está em movimento, e de forma holística, o ser também está.

3. A Gestalt-terapia e a constituição do indivíduo

Ser holístico significa compreender a existência da humanidade através de uma perspectiva total, isto é: o Homem não é feito somente de corpo e mente, e tão pouco estes dois funcionam de forma arbitrária e separada. A Gestalt-terapia utiliza o princípio holístico justamente para destacar, também, o quão importante é considerar a relação ambiente-pessoa para o estudo do ser humano. Assim, a relação corpo-pessoa, mente-pessoa e ambiente-pessoa definem o que é chamado de totalidade. Portanto, “tentar resgatar o ser humano, sem levar em conta que ele é essencialmente, corpo-mente-meio ambiente, é desconhecer a verdadeira essência da pessoa e torná-la inatingível à psicologia e a qualquer forma de psicoterapia.” (Ribeiro, 2016, p.21).

Entender que as partes compõem o todo e por isso, estabelecem relações entre si e consequentemente influenciam e sofrem influência uma das outras é um dos pressupostos que norteiam esta escrita. Sob essa ótica, procura-se compreender que, corpo, mente e meio ambiente estão a todo tempo se relacionando, exprimindo suas necessidades e, a partir disso, preenchendo lacunas na vida. É este homem, holístico, total, que reage e é reagente, que está sendo colocado em xeque frente à necessidade de compreender as tantas experiências de se existir provenientes da vida moderna.

A holística é uma das bases teóricas sobre a qual a Gestalt-terapia se apoia para formular suas teorias e práticas clínicas. Evocar concepções gestálticas faz-se necessário à medida em que se objetiva entender de que forma a modernidade pode interferir na construção da existência do ser enquanto pessoa no mundo a partir das escrituras da Gestalt-terapia e demais filosofias que esta abarca. Frente a isso, foram escolhidos conceitos que contemplam o humano e também

suas expressões e experiências no existir, são estes: corpo; pessoa; campo; contato; figura; fundo; ambientalidade; *dasein*; sofrimento; prazer hedônico e eudaimônico.

3.1 Algumas das partes que compõem o todo

O corpo humano é habitado por alguém, e quando nos referimos a este ser, tem-se que é racional, e é meta, pois uma pessoa sabe que ela é uma pessoa, e frente a este saber, inaugura-se a existência. Ribeiro (2016, p.95) conceitua a relação corpo-pessoa, afirmando que o corpo é a parte material, é todo este conjunto milimetricamente arranjado que dá forma física aos seres; enquanto pessoa corresponde a toda a imaterialidade da existência, a parte abstrata de se existir, aquilo que não é visto somente pelo mundo físico, mas existe. É esta relação corpo-pessoa que viabiliza o fazer-se presente enquanto pessoa no mundo, é ela que possibilita o contato com tudo e todos, “é meu corpo-pessoa que escreve, é teu corpo-pessoa que lê, é nosso corpo-pessoa que nos permite olhar o outro e por meio dele nos sentir existindo”. (Ribeiro, 2016, p.96).

Novamente, não há corpo sem pessoa e nem pessoa sem corpo, e é por isso que ambos devem ser evocados juntos: ao falar de corpo, fala-se também de pessoa, e vice-versa. A escolha deste conceito como primário não foi por acaso, visto que a pessoa está, precisamente, nos primórdios de todos os outros conceitos. É esta *pessoa* que faz contato com o ambiente, é esta pessoa que sofre, é esta pessoa que sente prazer etc. Tudo isso ocorre no que a Gestalt-terapia chama de *campo*.

Para qualificar o campo, toma-se como base teórica Kurt Lewin em sua obra Teoria de Campo em Ciência Social, de 1965. De acordo com suas proposições, tem-se que campo é tudo que a vida toca; mais que isso, é a vida em sua essência, é todo comportamento de agir, pensar, desejar, sentir e demais infinitudes que compreendem o ser. Assim, afirma Lewin (1965, p. 13): “Todo o comportamento [...] é concebido como uma mudança de algum estado de um campo numa determinada unidade de tempo, (dx/dt) ⁶”. Basicamente, campo é a relação ambiente-organismo, ou seja, é o “espaço vida” do indivíduo. O modo de funcionamento do campo acontece a partir de algumas características. Seu dinamismo é responsável por conceber a ele a capacidade de organização frente ao seu modo de se comportar. É como uma rede de interações que se organizam a partir do que a pessoa necessita e anseia. A relação figura e fundo opera a todo momento no fundo relacional chamado de campo.

⁶ “dx” representa a mudança de estado de um campo, e “dt” a unidade de tempo em que tal mudança ocorre.

Esta relação merece destaque, pois é a partir dela que muitos comportamentos frente à existência podem ser compreendidos. As duas dimensões, figura e fundo, estão a todo momento emergindo e submergindo no campo. Em um dado campo relacional, chamado de fundo, várias figuras estão presentes: objetos; pessoas; sentimentos; conversas - basicamente tudo aquilo que está acontecendo em um lugar em um determinado espaço de tempo. Nesse sentido, denomina-se por *figura* aquilo que emerge e por *fundo*, todo o restante que compõe a cena. Este “jogo” de emersão e submersão acontece diante de duas características do ser: a necessidade e o desejo. Isto é, a pessoa, na relação figura e fundo, diante de uma necessidade, seleciona figuras (conscientemente) que ganham destaque em um fundo.

Em um campo em que a pessoa está com sede, o copo, a garrafa e a água se tornam figuras, ante a necessidade fisiológica de consumir água. Por outro lado, há também a possibilidade deste mecanismo operar através de um desejo: uma pessoa que ama chocolate e deseja comê-lo, irá eleger o doce como figura. Posto isso, é possível perceber como o indivíduo configura e reconfigura seu campo novamente.

Como dito anteriormente, é no campo que tudo se faz presente. A pessoa que se presentifica no campo é conectada a tudo que nele também está. Esta conexão é chamada de *contato*. Como o próprio nome do conceito já diz, contato é o que acontece entre duas variáveis, é esta relação entre o encontro destas partes.⁷ Este encontro acontece através de um ciclo, no qual, de acordo com Ribeiro (2016, p.91): “A pessoa humana está necessariamente em contato, embora ele passe por níveis de aproximação. Fala-se em pré-contato, contato, contato pleno e pós-contato.”

Evidentemente, a expressão “contato pleno” tem um certo teor de conclusão, é como se o objetivo almejado fosse alcançado. Na literatura, encontra-se a relação de intensidade deste contato com a fase plena do ciclo. Há o questionamento se um contato intenso configura a plenitude deste. Frente a qualquer possibilidade de resposta ao questionamento, sabe-se, certamente, que estabelecer contato é um dos pilares de se existir enquanto pessoa no mundo, e se um contato está exagerado, intenso, há a influência direta no princípio de homeostase⁸ do organismo.

Com toda certeza, este contato não acontece somente na dimensão interna da pessoa, mas também, em proporção equilibrada, com o ambiente. O conceito de *ambientalidade* diz

⁷ O campo, por exemplo, é também uma rede feita de contatos.

⁸ Homeostase é o princípio do equilíbrio que rege o funcionamento corporal.

respeito exatamente sobre esta dimensão: o encontro, o contato entre o ambiente e a pessoa e de que forma ambos se influenciam. Para Ribeiro (2019) a ambientalidade é parte constituinte da dimensão da existência humana. Isso significa que a totalidade do ser só é compreendida quando considerada a parte ambiental que também está inserida no campo existencial da pessoa. É entender que não se concebe ser humano sem afirmar que o ambiente e tudo que nele se apresenta moldam a consciência existencial do sujeito. Assim, “nós caminhamos, vemos o mundo fora de nós, ele está lá e nós aqui, e isto nos dá a firme sensação de que somos dois. Na verdade, somos um só: *eu sou o mundo, o mundo sou eu. Eu sou ambiente, o ambiente sou eu.*” (Ribeiro, 2020, p.7)

3.2. Ensaio Gestalt-terapêutico a respeito da ontologia Humana

Os conceitos acima expostos dizem respeito à relação da pessoa com as dimensões de si e do mundo. Portanto, para entender de que forma a Gestalt-terapia entende a concepção da existência, é imprescindível considerar que o ser humano tanto possui algumas dimensões que o compõem (mente-corpo-ambiente) quanto se constitui como um ser de relação. É um animal-racional-ambiental que vive e experiencia as nuances de se existir, inaugurando-se enquanto pessoa constituinte deste universo.

A Gestalt-terapia tem como uma de suas bases teóricas o existencialismo, filosofia que procura explorar de que forma o homem se constitui como pessoa no mundo. Heidegger (2009), em *Ser e Tempo*, postula que o indivíduo e o mundo não podem ser pensados de forma separada, a pessoa se inaugura enquanto constituinte do cosmos ao passo que está presente neste. Esta forma de conceber a existência é a característica primária e inmutável que pressupõe o existencialismo de Heidegger. O termo por ele empregado para representar esta ideia recebe o nome de *dasein*, traduzida por “Ser-aí”.

Enquanto pessoa, há a habitação de um espaço, um campo, e o fato desta pessoa ter nascido em um ambiente relacional faz dela constituinte e construtora deste campo. Considerar esta visão de homem é entender também que para além da relação homem-homem, há a relação do homem com as demais categorias (homem-mundo, por exemplo). Frente ao cotidiano de contatos, o sujeito se reorganiza e se molda, constituindo sua subjetividade a partir de sua autonomia. De acordo com Dutra e Roehe (2014) tem-se que “No cotidiano, entretanto, o ser humano se coloca [...] numa relação de identidade com as coisas que o cercam [...]” (p.3).

O estudo do ser-aí é chamado de ontológico, justamente por analisar a forma como este se apresenta na relação com o mundo e consigo. Para afirmar tal proposta tem-se que “em virtude de sua compreensão do Ser, ainda que informal, vaga, o ser humano é ontológico. Essa

compreensão ocorre em meio aos demais entes (humanos e não-humanos) com os quais o ser humano se relaciona [...]” (Dutra e Roehe, 2014 p.3)

Partindo de sua proposta de análise do quão denso pode ser a existência, Heidegger (2009) pôde concluir que “ser-aí” implica relação. Afirmar que o homem e o mundo não podem ser pensados de forma dicotômica é incorporar as nuances destes dois, um no outro. Quando há o desdobramento do nível ontológico, vê-se a constituição da pessoa. É fácil pensar, por exemplo, o quanto uma família molda a existência de uma pessoa. Assim como, a cultura e seus objetos também exercem este papel de molde (relação homem-mundo).

Este molde acontece justamente no encontro. Não são duas pessoas isoladas em suas subjetividades e modos de ser que estão em contato, mas sim, toda uma “carga” social, ambiental e subjetiva que se encontram, pode-se assim dizer. Dutra e Roehe (2014, p.6) cirurgicamente discorrem sobre este encontro ao afirmar que:

“Ser-homem sempre envolve a presença de outros homens. O ser humano sempre está referido a um contexto familiar, a um ambiente de trabalho, a uma localização (rua, bairro, cidade, etc.), a uma origem (povo, país), ao uso de objetos comuns produzidos por outras pessoas; todas são determinações coletivas que contribuem para o desenvolvimento de nossa própria identidade (nosso nome, por ex., é decidido por outros).”

Sobre tudo que cerca o ser, Sartre (1987) discorre que a existência precede a essência. Isso significa que antes de uma ideia ser adotada, a existência desta já se faz presente. Colocar esta sentença em evidência é fundamental para compreender a busca incessante pela essência das coisas, ou sentido delas, que o homem realiza.

Deparar-se com o vazio é um dos modos de sofrimento existencial vivenciado pelo homem, e é aí também, que o existir se configura. Um sentido existencial que a todo momento é tido como objetivo principal de conquista na vida de muitas pessoas, normalmente, é atribuído à essência das coisas que aquela pessoa faz contato. Entretanto, se a existência é anterior a essência, tem-se que o existir não vai ser obtido frente à busca pela essência superficial das coisas. E isso significa que debruçar-se nesta busca gera angústia, uma vez que, de forma inautêntica, tenta-se entender o que é ser pessoa nesta infinidade chamada mundo, a partir de um objeto, ou de um comportamento. A exemplo tem-se o consumo desenfreado de bens materiais que abala o mundo, numa tentativa deste consumidor de se encontrar enquanto pessoa.

Esta angústia existencial está ligada ao fato do homem ser lançado ao mundo e, a partir disto, se deparar com a veracidade de ter de encarar a responsabilidade da existência, mesmo que não tenha pedido para existir. De acordo com Dutra e Rebouças (2010), tal sofrimento pode

ser vivenciado de duas formas: a autêntica e a inautêntica. O que descreve a inautenticidade é essa tentativa frustrada de se encontrar enquanto pessoa, não olhando para si, mas principalmente (e muitas vezes somente) para os bens mundanos. Já a característica da autenticidade é designada a partir do momento em que a pessoa se dá conta de suas nuances e se lança no sofrimento, entendendo que o mundo de essências e ideias que o cercam não definem sua existência. E é este mergulho que configura o crescimento, o entendimento de si, e a abertura do ser para as coisas mesmas. Cabe lembrar que este sofrimento autêntico é entendido na filosofia existencialista como uma forma “saudável” de se constituir enquanto pessoa. Lispector (1998, p.26) poetisa sobre este sofrimento, dizendo que

“Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio ‘apesar de’ que nos empurra para a frente. Foi o ‘apesar de’ que me deu uma angústia que insatisfeita, foi a criadora de minha própria vida” (1998, p. 26).

Pensar que a inautenticidade também inaugura o sofrimento “não saudável” faz com que surja a possibilidade dessa perspectiva se manifestar no cotidiano. À vista disso, tem-se que o processo inautêntico acima discorrido pode vir a receber o nome de alienação. Alienar-se em algo é colocar este algo acima de sua própria existência. Nesta busca pelo sentido da vida, fundam-se sujeitos inautênticos que se alienam no mundo e na superficialidade dos contatos que realizam.

A arte imita a vida - ou o contrário – e mesmo nessa primária, a busca por significado é inerente. Um artista quando faz uma obra, muitas das vezes, é entendido como uma pessoa que quer passar uma mensagem, e assim os admiradores vão em busca deste sentido. Entretanto, é imprescindível o quanto o foco intensivo na busca do sentido, seja na arte ou nos objetos da vida, interferem na experiência do existir. O casal Polster (2001) descreve que a verdadeira possibilidade de contato pleno acontece na experiência, e não na tradução do significado da experiência. Assim, “a necessidade de extrair sentido da experiência tem sido tão marcada culturalmente que encobriu a própria experiência. Esta passou a significar ou mais ou menos do que parece ser, e desse modo não pode ser considerada por seus próprios méritos.” (2001, p.30). Isto significa que a alienação no sentido faz com que a experiência seja ofuscada.

A alienação também pode ser entendida a partir do que a Gestalt-terapia e a filosofia entendem sobre o prazer. Um dos comportamentos funcionais do campo é justamente o ato de buscar a realização de contatos e de figuras através do prazer. Se para a Gestalt-terapia o campo

é definitivo na construção da existência, tem-se então, que o prazer também opera um desempenho de igual peso e medida neste “ser-aí”.

Frente a isso, Waterman (1993) discorre a respeito de modos de se conceber o prazer, chamados de prazer hedônico e prazer eudaimônico. No primeiro, ocorre o foco e busca por um prazer momentâneo, instantâneo e intenso. É uma gratificação no aqui-agora que causa uma certa sensação de alívio, juntamente com a ideia de que a persistência daquele prazer tornaria a vida “mais leve” e significativa. Já o segundo, a eudaimonia, é um prazer que se manifesta a longo prazo. É o prazer que mora no afeto e no avanço da vida.

A dimensão afetiva também exerce fator determinante na construção do sentido da vida e existência. Giovanetti (2017) entende que afeto é tudo aquilo que ressoa na pessoa. É como a caixa acústica de um violão, que ao balançar das cordas e conseqüente produção de ondas sonoras, capta o fenômeno e faz ecoar ali dentro, expandindo-se, ao mesmo tempo, para o mundo afora.

Portanto, o ser-aí se configura frente a muitas possibilidades, umas consideradas mais “saudáveis”, outras nem tanto. A Gestalt-terapia concebe a natureza do ser advinda de fatores fisiológicos, animais, culturais e sociais, assim como a filosofia existencial. A implicância disto é o pressuposto de um ser relacional, desde antes do momento da percepção da essência da vida. Constituir-se enquanto pessoa tem seus desdobramentos nos contatos que são realizados, nos campos e experiências vivenciados, nas possibilidades de prazer, no entendimento dos limites corporais e fisiológicos, assim como, nas potencialidades e desafios da mente.

A rede relacional que compõe o que recebe o nome de mundo é responsável por influenciar a construção do indivíduo. Olhar para o hoje e ver o quanto a influência advinda do meio tem se mostrado presente, move a pergunta central deste trabalho. Assim, correlacionar o que a Gestalt-terapia entende do que é a existência do ser com a modernidade tecnológica – e, portanto, o uso de smartphones - é pensar o quanto os objetos presentes neste meio exercem uma força inautêntica na busca pelo sentido ontológico, desviando-se do caminho autêntico. É assimilar que o prazer eudaimônico tem se tornado algo distante, frente ao bombardeio hedônico da satisfação momentânea junto de um contato cada vez mais intenso. É ver o quanto este novo tipo de molde existencial interfere na maneira como a pessoa refere-se a si mesma e diz: “eu sou...”.

4. O encontro da existência com o contemporâneo

A forma de viver atual evidencia de que maneira o ser humano se relaciona com as tecnologias a sua disposição. O que o primeiro capítulo deste artigo elucida é justamente o quanto o avanço da modernidade é intrínseco ao que hoje recebe o nome de cultura. Frente a este enraizamento, inauguram-se novos modos do indivíduo agir, pensar e se relacionar.

Quando no segundo capítulo são apresentados os conceitos da Gestalt-terapia e do existencialismo, convidou-se o leitor a se situar epistemologicamente ao que concerne esta terceira e última seção. Portanto, a partir do método dialógico e do entendimento acerca do que compõe e compreende o funcionamento da contemporaneidade e de seus elementos, propõe-se explicar, com os referidos conceitos acima expostos, de que forma os constituintes do chamado *ciberespaço* influenciam na construção da existência enquanto pessoa habitante deste mundo.

4.1 O espaço virtual e a influência no real

Quando o termo *ciberespaço* foi culminado por Levy (1999), sua expansão prática estava longe de tomar as proporções que hoje tem. Entretanto, pode-se afirmar que Levy (1999, p.92) já previa este avanço:

“Eu defino o *ciberespaço* como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o *ciberespaço* o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século.”

Atualmente, suas fronteiras esbarram a todo tempo com diversos contatos que as pessoas realizam em suas vidas, e como o autor afirmou, a digitalização tomou conta do social em diversos âmbitos, fazendo do *ciberespaço* o campo relacional mais utilizado pela humanidade.

A Gestalt-terapia entende que campo é o espaço vida da pessoa, é onde o existir faz presença, pois é no campo e através dele que as pessoas vivem, se relacionam entre si, com os objetos, com a cultura, etc. Sendo assim, o que Levy (1999) chamou de *ciberespaço*, pode ser considerado, à luz da Gestalt terapia, como um campo. Partindo deste pressuposto, conta-se que o campo virtual – ou *ciberespaço* - é, atualmente, um dos principais espaços de relação utilizados pelo ser humano. E isso significa que o campo das experiências concretas, ou seja, o campo do mundo real, está cada vez mais sendo substituído pelo *ciberespaço*. Não é como se o

concreto deixasse de existir, contudo, o que hoje é procurado no virtual restringia-se, anteriormente, à dimensão do real.

A exemplo disso, retorna-se ao aplicativo de celular Ifood, já mencionado anteriormente nesta revisão. Sendo a principal aplicação de *foodtec*, o ato de buscar alimento foi revolucionado. Se antes as pessoas tinham de sair de suas casas para se alimentar, seja em restaurante ou mercado, hoje elas abrem o celular e realizam um pedido de comida no ciberespaço (aplicativo Ifood), e a partir deste o alimento é obtido.

Evidencia-se também que ainda que não seja através do *Ifood*, há uma parte digital na logística da obtenção de qualquer alimento. Pode-se afirmar, então, que em tudo o que envolve uma demanda de serviço, ou produto, o ciberespaço está envolvido. Afinal, a rede de comunicação digital passa, em algum momento, pelo processo de obtenção do que o ser humano hoje consome ou deseja consumir.

Basta ter o mínimo que seja do mundo digital para que o ciberespaço esteja presente, e por isso, seguramente, pode-se dizer que o ser humano passa grande parte de seu tempo no campo virtual. Isto implica, entre diversos aspectos, que boa parcela dos ciclos de contato das pessoas se faz no ciberespaço. Entende-se que “O ciclo é, portanto, concebido como um sistema self-eu-mundo. Permite-nos ler a realidade por intermédio dele, bem como entender o processo pelo qual este sistema foi se estruturando ao longo do tempo.” (Ribeiro, 1997, p.30). Se é o ciclo que media a leitura da realidade, e estes ciclos ocorrem, em sua maioria, no campo virtual, afirma-se, portanto, que a realidade do ser contemporâneo é interpassada pelo virtual.

Como consequência da premissa acima, os fatos que na *internet* se fazem presentes tornam-se estruturantes da existência das pessoas. Estes contatos e a referida influência são fáceis de serem constatados quando se toma como exemplo as redes sociais. Sob esse viés, 76,83% da população brasileira utiliza redes sociais (Statista, 2022) e, desde a sua criação, os usuários lançam padrões: de beleza, de vida, de alimentação etc. Estes padrões são adotados pelas pessoas, e é assim, também, que novamente o mundo virtual influencia a construção do eu.

O padrão de beleza que cultua a magreza não nasceu na *internet*, mas foi através dela que os danos ontológicos desta padronização tomaram proporções ainda maiores, pois o poder de comunicação da *internet* é atualmente, o que tem maior significância para a humanidade. Em virtude de o mundo virtual ser volátil, rápido e extremamente dinâmico, os contatos ali presentes são intensos, e isso faz com que este modelo se repita incessantemente nos perfis

destas redes sociais, entranhando ao ser a ponto de fazê-lo alterar sua forma corporal e existencial, afim, claro, de atingir tal molde virtual-social.

Outro papel das redes sociais que se relaciona com a ontologia do ser diz respeito aos afetos. As redes sociais foram criadas a partir da ideia de conectar pessoas ao redor do mundo, fazendo com que seja possível essas pessoas estabelecerem uma comunicação, através da qual os usuários encontram a possibilidade de interagir entre si de diversas formas: mensagens, fotos, mensagens de voz, vídeo, chamadas telefônicas e etc. Basicamente, as redes sociais cumpriram o objetivo de possibilitar a melhor interação virtual possível para os internautas. Com estes avanços, e a facilidade de se estabelecer contato, junto com a frequência deste, fez que com as redes sociais se tornassem um espaço de busca por afeto.

Entretanto, o que se evidencia é que as pessoas estão cada vez mais conectadas a rede em seus *Smartphones*, e isso, fatalmente, significa que o mundo real está sendo visto como segunda opção para a realização de contatos. Assim, pessoas buscam afeto nas redes sociais, e este afeto é muito volátil, assim como a cibercultura, implicando em um contato afetivo empobrecido. O aplicativo Instagram ficou popular por inserir no mercado a ideia de curtir fotos de seus usuários, simbolizado por um desenho de coração. Ou seja, se Maria publica uma foto no Instagram, José através do curtir, demonstra afeto à Maria. Um simples ato na rede social mais utilizada do mundo é o que define afeto, e nada mais. Não precisam conversar, não precisam se conhecer, não precisam significar nada um para o outro, só precisam saber seus nomes de usuários, e com aquele “like”, Maria “entende” o que José quer demonstrar.

O afeto é algo que confere significado à existência, e por isso, ele deve ser buscado não com milhares de pessoas por segundo, mas sim naquelas pessoas que estão no nosso convívio, nas particularidades de cada indivíduo, e claro, nos objetos que as presenças ecoam nas pessoas com quem eles se deparam. Este contato intensivo com o virtual faz com que a existência da pessoa seja alienada ali, e o que se vê hoje são pessoas que se preocupam mais com as curtidas virtuais e menos com os elogios e cumprimentos do mundo real. A atenção está voltada para o ciberespaço, enquanto o campo vivencial real é, de certa forma, negligenciado.

Quando os *smartphones* tomaram conta de fato do ambiente, algumas imagens a respeito do uso abusivo deste foram sendo vinculadas nas redes sociais. Talvez com a intenção de alertar, mas muito provavelmente com a intenção chocar, seus autores mostravam o quanto a atenção ao virtual vem sendo colocada em primeiro lugar. A mais famosa destas fotografias diz respeito a um show de uma banda em que as pessoas da plateia – todas – estavam com seus celulares nas mãos apontados para os músicos, filmando-os. Fazer um vídeo para guardar o momento especial é um ato de afeto, entretanto, o fato que choca é que estas pessoas estavam

assistindo ao show pela tela de seus *smartphones*, ao invés de utilizarem seus olhos para enxergarem a banda que estava ali, presente diante deles no mundo real.

O fato acima não é um caso isolado a respeito da falta de atenção ao real e a priorização do campo virtual. Também é evidenciada esta inversão no cotidiano: pessoas que estão juntas numa mesa de jantar, em um transporte coletivo ou em outros ambientes podem, em muitos casos, não estabelecer diálogo entre si, mas estar em contato com pessoas a quilômetros de distância, através do Ciberespaço. E quando são chamadas para a conversa real, não percebem, devido à alienação e a intensidade de contato com o *smartphone*, principal objeto hoje utilizado para se conectar a estas pessoas virtuais.

4.2 O *modus operandi* da rede cibernética

O que está exposto ao longo deste texto não aconteceu somente devido à forma de como seus usuários optaram por utilizar o ciberespaço. Hoje, fica claro que, também, a forma com que a cibercultura foi projetada e os rumos que este projeto caminha foram estruturados de uma maneira com que seus utilizadores desejem, mais que isso, sintam que necessitam passar sucessivas horas consumindo o mundo virtual.

O princípio que rege o comportamento destacado acima é coordenado por algo chamado de algoritmo. Não coincidentemente, o sufixo “ritmo” representa a ideia de uma sucessão de ações em um determinado espaço de tempo regular. Pioneiro na ciência da computação, Allan Turing em 1935 foi responsável por operacionalizar a ideia de algoritmo, o qual se refere a um processo sequencial de regras, cujo objetivo é orientado para a resolução de um determinado problema; sua natureza consiste, essencialmente, a um conjunto de instruções para realizar uma dada coisa (Teixeira, 1998, p.20). Este princípio norteou e possibilitou a criação dos primeiros computadores, ou simplificando, as primeiras máquinas criadas e ordenadas para resolverem problemas.

Mas como a noção de algoritmo afeta o atual uso da *internet*? E mais, como isso afetaria a formação do eu? A ideia de algoritmo é solucionar um problema, e o problema que os desenvolvedores contemporâneos queriam solucionar é: como fixar os usuários no ciberespaço? A resposta para este problema veio através da criação de um algoritmo específico, sendo o funcionamento deste fundamental para a existência dos fenômenos analisados aqui neste artigo. Este mecanismo age através do uso das redes por parte das pessoas, e após esta utilização, um conjunto de dados são coletados por estes algoritmos específicos, para que a posteriori possam ser selecionadas as preferências dos usuários e mostradas a eles com maior frequência. Assim,

Calixto (2018, p.2) postula que “na interlocução entre a experiência dos usuários e o funcionamento das redes sociais, cria-se grupos de interesse fidelizados por aquilo que é apresentado nas redes como “relevante”.”.

Para comprovar este funcionamento, experimente digitar em seu navegador algo que deseja comprar, por exemplo. Após isto, feche todos os aplicativos e programas, aguarde um tempo e comece a observar todas as páginas do ciberespaço que você visitar: o objeto que você pesquisou tempos atrás, será mostrado incessantemente a você, com ofertas de preços, locais que o fariam chegar ao seu destino de forma mais rápida, e etc. Mas este algoritmo vai além de uma questão de *marketing* comercial. Por exemplo, quando um usuário começa a curtir fotos de pessoas nas redes sociais, o mecanismo acima descrito traça um perfil de “pessoas que atraem este usuário” e frente a isso, começa a indicar nomes e fotos de usuários que possivelmente irão atrair aquele utilizador. Pariser (2012) chamou este algoritmo de bolha dos filtros.

Na Gestalt-terapia este algoritmo pode ser visto como uma programação que seleciona para o usuário o que vai ser figura e o que vai ser fundo. É como afirma Ramos (2017, p. 80) “O algoritmo dá uma certa “direção” para a informação, com um enquadramento de sentido”. Assim, a relação figura-fundo é totalmente comprometida, pois o mundo virtual tira a autonomia do utilizador de escolher e identificar figuras em um determinado fundo existencial. É como se a todo momento você fosse bombardeado com tudo aquilo que supostamente deseja ou necessita, não possibilitando espaço para que outras escolhas se façam evidente. Viver no virtual implica que a definição do que o indivíduo gosta ou não, não parte mais dele, mas de uma programação algorítmica.

Este modo de funcionamento algorítmico também faz com que o “navegar” pela rede se torne algo prazeroso. A *internet* hoje deixou de ser somente um meio de comunicação, ou de informação, mas é algo que exercita o prazer hedônico em seus usuários. Este prazer superficial, instantâneo e não significativo passa a ser um dos guias da vida destas pessoas, afinal, o contato com o *smartphone* e a rede são tão intensos que a gratificação hedônica frente a este uso é estrondosa. É como se o dia todo estes internautas estivessem “comendo doce” e isso com toda certeza causa um impacto no corpo, na pessoa e na relação corpo-pessoa.

Um efeito constatado na relação do uso de *smartphones* na fisiologia corporal humana diz respeito à dopamina. Este hormônio ativa o sistema de recompensa da pessoa, e com o aumento da intensidade de sua secreção, ocorre um desequilíbrio nestas recompensas. Haynes

(2018) exprime que o uso da internet traz uma intensidade de estímulos sociais, e frente a isso, exprime que:

Apesar de não ser tão intenso quanto uma carreira de cocaína, o estímulo social positivo vai similarmente resultar em uma liberação de dopamina, reforçando qualquer comportamento precedente. Neurocientistas já mostraram que estímulos sociais de recompensa – risadas, sorrisos, reconhecimento positivo por nossos pares, mensagens de nossos afetos – ativam os mesmos circuitos dopaminérgicos de recompensa. Os smartphones nos entregam uma fonte ilimitada de estímulos sociais, positivos e negativos. Cada notificação, seja uma mensagem ou um like em redes como Instagram e Facebook, tem potencial para ser um estímulo social positivo e, portanto, uma descarga de dopamina. (tradução livre)

O prazer hedônico está em voga como nunca esteve, em contrapartida, o eudaimônico está cada vez mais escasso. Os *smartphones* trouxeram a praticidade, os afetos, as descargas dopaminérgicas, e o prazer mais instantâneo possível. É difícil a eudaimonia criar raízes em um cenário como este, visto que este tipo de busca pelo prazer é relacionado à construção, a um processo, a algo que exige esforço por parte da pessoa, como ler um livro. Assim, é possível compreender o porquê de o número de pessoas que buscam um livro está declinando, enquanto o número de usuários da internet só aumenta. O instituto pró livro (2020) realizou uma pesquisa e constatou que o número de leitores no Brasil⁹ sofreu uma perda de 4,6 milhões de pessoas, entre 2015 a 2019.

4.3 A encruzilhada moderna

Ser-aí corresponde ao ideal de entender a existência a partir das relações, é lançar-se no sofrimento inerente ao ser, reconhecendo suas finitudes e limitações. O que hoje é evidenciado diz respeito ao encontro entre a ontologia do ser e o *smartphone*, encruzilhada esta que advém também, da concepção de que o uso do referido objeto gera um campo existencial confortável, que possibilita a falsa sensação de que o mundo está, literalmente, a sua mão, assim como as pessoas que nele habitam.

A oportunidade de lançar-se no sofrimento está sendo ultrapassada pela perspectiva prazerosa de destravar o celular e navegar na rede. E isso implica, novamente, em uma busca inautêntica pelo sentido da vida. O ser vai deixando de lado os esforços de existir, as fronteiras de contato com o mundo real, e se edifica no virtual, onde tudo é um instante, uma fração minúscula do tempo que representa um conjunto exponencial de informações e contatos frágeis. Existe um sofrimento que proporciona evolução, um sofrimento autêntico. Entretanto, as pessoas tentam a todo tempo se desviar deste sentir, e aquele algoritmo citado acima cumpre

⁹ A pesquisa considerou leitor a pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses.

muito bem o papel de proporcionar um espaço perfeito para que as pessoas não se mergulhem neste sofrer.

No ciberespaço não há esforço para comer, para se comunicar, realizar contatos, conhecer fatos do mundo, nem para proporcionar e receber afeto. Ali, o tempo é veloz, devorador de sonhos e conhecimentos, pois ao passo que algo é apreendido, em um curto período, aquilo já se tornou obsoleto. Levy (1999, p.174) culmina friamente que:

É certo que novos processos, novas técnicas surgiram. Mas, na escala de uma vida humana, a maioria dos *savoirsfaire* úteis era perene. Hoje, a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes. As desordens da economia, bem como o ritmo precipitado das evoluções científica e técnica determinam uma aceleração geral da temporalidade social. Este fato faz com que os indivíduos e grupos não estejam mais confrontados a saberes estáveis, a classificações de conhecimentos legados e confortados pela tradição, mas sim a um saber fluxo caótico, de curso dificilmente previsível no qual deve-se agora aprender a navegar.

As influências do uso de *smartphone* e da *internet* na construção da existência do indivíduo são muitas. A Gestalt-terapia vê, através de seus conceitos, o quanto este atravessamento virtual-real tem demonstrado na prática cotidiana o enfraquecimento das concepções e ideias do que é ser uma pessoa saudável, habitante de um mundo real que é rico em possibilidades de construção do eu.

Esta passagem do espaço físico para o ciberespaço culminou, em 2021, na expansão do chamado metaverso. Este espaço é pensado para substituir integralmente o real. Basicamente, o usuário cria um avatar e se insere em um mundo virtual, realizando compras, construindo sua casa virtual etc. O projeto ganhou muita força durante a pandemia da Covid-19, mas, apesar de ter “esfriado” no pós pandemia, a ideia de seus desenvolvedores é fazer com que no futuro o metaverso seja uma nova forma de vivenciar a existência: um local virtual em que as pessoas poderão trabalhar, viver momentos de lazer (jogos e shows), e construir ali todos os demais aspectos de sua vida real. Caso isso venha a acontecer, ou seja, o metaverso reivindicar seu lugar de dominância frente ao universo real, artigos como este serão mais que uma revisão de bibliografia, mas uma necessidade frente ao amparo da queda do mundo real.

5. Considerações finais

A fronteira do contemporâneo esbarra a cada momento na constituição do indivíduo. Confirmar esta lógica só é possível graças ao fato de o mundo ser globalizado. Quando a globalização aconteceu, as formas de se relacionar mudaram, os contatos começaram a ser

feitos de formas antes inimagináveis. É de se estranhar quando se pensa na dimensão temporal, e como tudo à nossa volta começou a caminhar de forma hiper acelerada de tempos para cá.

Durante anos, apenas a carta era a responsável por conectar pessoas a longa distância, e com o passar das eras os esforços da comunicação foram sendo concentrados no objetivo de encurtar o tempo para uma carta chegar ao seu destinatário. Hoje, são milésimos de segundos que nos separam de dizer ou receber um “oi”, e isso, necessariamente, implica mudança na forma de ser no mundo.

O surgimento da carta impactou sua época e as subsequentes, pessoas finalmente poderiam se comunicar a longas distâncias, mesmo que levasse tempo. Se a carta que demorava, em alguns casos, meses para chegar ao destinatário, foi capaz de abalar as formas de contato e comunicação, imaginem o quanto o *Smartphone* conseguiu alterar a interação entre pessoas e objetos. A Gestalt-terapia compreende o indivíduo a partir de uma perspectiva interacionista, ou seja, a constituição ontológica do ser é moldada de acordo com suas relações. Olhar o contemporâneo evidencia que as formas de contato virtual predominaram e, inevitavelmente, determinam o modo como ocorre o ser-aí.

Ao longo deste texto foram expostas pistas do quanto este encontro entre o real e o virtual fez surgir novas formas de existir. A cultura proveniente do mundo digital fez sua morada no convívio humano, foi muito bem aceita e incentivada. Ficou fácil entender, com esta aderência nas camadas sociais, o porquê de os celulares inteligentes serem chamados de ventríloquos modernos. O seu uso por parte dos internautas fez com que este objeto adquirisse a carga de algo essencial para se existir enquanto pessoa no mundo e isso provoca uma alteração estrutural na ontologia do sujeito e na estratificação da sociedade.

Apresentar algumas das partes que compõem o todo foi extremamente necessário para visualizar em que lugar esta modernidade encruzilha com os aspectos da existência humana. E o que foi constatado é que, se para a Gestalt-terapia tudo ocorre no campo e dele tudo deriva, um objeto que está o tempo todo emergindo como figura faz com que a dinâmica figura-fundo seja alterada. É como Newton (1687) postulou quando descobriu a gravidade, afirmando que quanto maior a massa de um corpo, maior seu peso. E isso implica que a curvatura que ele faz no campo gravitacional é maior, a ponto de atrair outros objetos para si. O *smartphone* é um objeto com grandes capacidades de alterar o campo vital do indivíduo, assim como um objeto de grande massa é capaz de distorcer o campo gravitacional ao seu entorno.

Este artigo se restringiu a analisar os impactos do digital no nível ontológico do ser. Mas, também evidenciou que há significativas repercussões no nível macrossocial. Em dois de outubro de 2022 ocorreram as eleições presidenciais do Brasil, abrindo a possibilidade para a sociedade brasileira escolher, de forma democrática, governadores (as), deputados(as) estaduais, deputados(as) federais e o presidente do país. Encerradas as votações e divulgados os resultados, um dado chamou a atenção do país: um rapaz de 26 anos se tornou o deputado federal mais votado de toda a história de seu estado (TSE, 2022). Ao analisar as estratégias de campanha deste deputado federal, foi constatado que toda sua trajetória pública até sua eleição, foi baseada em ações virtuais. O referido possuía mais de dez milhões de seguidores em suas redes sociais, e era chamado de “*influencer*” pois seus ideais de mundo influenciavam o modo de pensar e agir de seus seguidores. Atualmente, ele se encontra suspenso de utilizar tais redes, pois disseminou notícias que feriram diretamente os princípios democráticos que o elegeram. Concluir este artigo só é possível se pensarmos na perspectiva de abrir novos estudos de investigação dos impactos desta encruzilhada moderna entre o virtual e o real. Não apenas a nível ontológico do ser humano, mas também, a nível ambiental e social.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização do trabalho: subsunção real da viração**. Passa Palavra (Online), 2017. Disponível em: <http://passapalavra.info/2017/02/110685>.

CALIXTO, Douglas. **Algoritmos entre a experiência e o acontecimento: o novo sensorium nas práticas da Educomunicação**. São Paulo: USP, 2018.

CMCBED; NEOTRUST. **Índice desenvolvido pelo Comitê de Métricas da Câmara Brasileira da Economia Digital junto com Neotrust/Movimento Compre & Confie** (2021). Disponível em: <https://www.e-commercebrasil.com.br/noticias/e-commerce-2021-alta-faturamento-mcc-enet>

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Summus, 2018.

FIPE – **Impactos socioeconômicos das operações do Ifood no Brasil: análise sobre os entregadores**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://lp.news.ifood.com.br/fipe-ifood-pesquisa-entregadores>

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia fenomenológico-existencial: Fundamentos filosófico-antropológicos**. Via Verita, 2017.

GOLDSTEIN, Kurt. **The Organism: A Holistic Approach to Biology Derived from Pathological Data in Man**. New York: Zone Books, 1995.

HAYNES, Trevor. **Dopamine, smartphones & you: a battle for your time**. Harvard Medical School, 2018. Disponível em: <https://sitn.hms.harvard.edu/flash/2018/dopamine-smartphones-battle-time/>

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4.ed, 2009.
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&tlng=pt.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2019). Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>

Instituto Pró Livro. **Retratos da leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2020.

KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 3 ed., Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NEWTON, Isaac. **Philosophiae Naturalis Principia Mathematica**. London, 1687, p.14.

OLIVEIRA, Sérgio de. **Internet das coisas**. São Paulo: Novatec, 2017.

- PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- POSTER, Erving; POSTER, Miriam. **Gestalt-terapia integrada.** São Paulo: Summus, 2001.
- RAMOS, Daniela Osvald. **A influência do algoritmo.** São Paulo, 2017.
- REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. **Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade.** Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735613004.pdf>
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica.** São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade: Uma Gestalt em Movimento.** Estudos e pesquisas em psicologia (ONLINE), v. 19, p. 896-914, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/49291/32940>.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos.** 3.ed. São Paulo: Summus, 2016.
- ROCHA, Glauco Capper da; FILHO, Veridiano Barroso de Souza. **Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do facebook.** Rio Branco, 2016.
- Roehe, M. & Dutra, E. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano.** Avances en Psicología Latinoamericana, 32(1), 105-113, 2014.
- ROSA, Hermut. **Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized Highspeed Society.** Oxford, UK, Constellations, vol. 10, 2003.
- SARTRE, JP. **O existencialismo é um humanismo.** 3.ed. Trad: Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).
- STATISTA – **social media usage in Brazil** (2022). Disponível em: https://www.statista.com/topics/6949/social-media-usage-in-brazil/#topicHeader__wrapper
- TECMUNDO, 2021. **Pesquisa estima que metade da população mundial tem smartphones.** Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/220009-pesquisa-estima-metade-populacao-mundial-tem-smartphones.htm#:~:text=A%20empresa%20de%20pesquisa%20e,cerca%20de%20R%242%20mil>
- TEIXEIRA, João Fernandes de. **Mentes e Máquinas: uma introdução a ciência cognitiva.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998. p.20.
- TOCHTROP, Leonardo. **Dicionário alemão-português.** 6ªed. Rio de Janeiro: globo, 1984.
- TSE - **Tribunal Superior Eleitoral** (2022). Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>
- TYLOR, Edward. **1871 Primitive Culture.** Londres, John Mursay & Co. Nova York, Harper Torchbooks, 1958.

WATERMAN, A. S. **Two conceptions of happiness**: contrasts of personal expressiveness (Eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1993.

ZYGMUNT, Bauman. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: 2001.